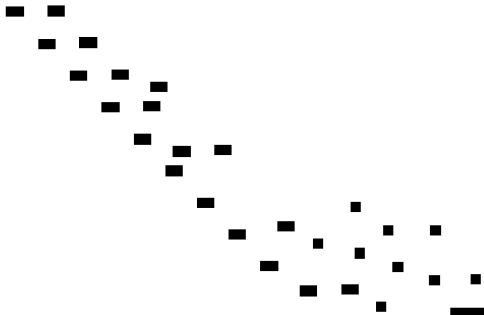
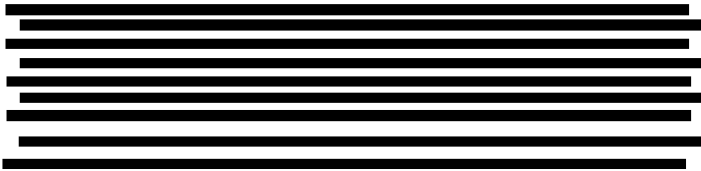


microscopias

docência-pesquisa em exercício-tradução



microscopias:
docência-pesquisa em exercício-tradução

Organização:
Máximo Adó

Microscopias
Docência-pesquisa em exercício-tradução

1ª edição

Porto Alegre
Canto - Cultura e Arte
2022

Série AtEdPo

Organizador | Máximo Adó

Vol. 1 - *microscopias*: docência-pesquisa em exercício-tradução

Coordenação da Série AtEdPo | Máximo Adó

Projeto Editorial | AtEdPo e Estudos do Corpo

Projeto Gráfico e layout | Máximo Adó - Execução: Estudos do Corpo

Diagramação | Wagner Ferraz - Estudos do Corpo

Revisão | Tiago de Moraes

Coordenação Editorial | Wagner Ferraz (Estudos do Corpo) e Diego Esteves

Editora | Estudos do Corpo

Editora parceira | CANTO - Cultura e Arte

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Microscopias [livro eletrônico] :
docência-pesquisa em exercício-tradução /
organização Máximo Adó. -- Porto Alegre, RS :
Estudos do Corpo : CANTO - Cultura e Arte, 2022.
-- (AtEdPo)
PDF

Vários autores.
Bibliografia
ISBN 978-65-998129-0-3

1. Criação (Literária, artística etc) 2. Educação
3. Escrita 4. Pesquisa 5. Tradução I. Adó, Máximo.
II. Série.

22-115427

CDD-371.102

Índices para catálogo sistemático:

1. Docência : Educação 371.102

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380



https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/deed.pt_BR

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001



INT.# 3 >> Docência e ficção:

todo mundo sabe, ninguém pode negar

08 de junho de 2018.

Texto apresentado na atividade de extensão
“Arredores da Imagem: escrita. pensamento. transficção”

Agradeço ao Cristiano¹ o convite para participar desta atividade junto ao projeto de extensão “Arredores da Imagem”, que neste ano [2018] já está em sua segunda edição. Percebo este espaço como um lugar onde posso pensar alto meus interesses na atividade docente e, principalmente, naquilo que está nos arredores desta “imagem de pensamento” que denominamos de Pesquisa. Pesquisa que se admite como uma imagem de pensamento, ao mesmo tempo em que quer exercitar o fracasso de um encontro fundamental, aquele encontro que não se confunde com a reconhecimento, pois se estima como um pensamento sem imagem. Se menciono esse fazer como um exercício do fracasso, é porque parece-me que é disso que se trata, de um encontro com um estado em ruínas com o já conhecido. Um deslocamento que tenta operar a remontagem de um *puzzle* monstruoso e que, no processo, perdeu ou arruinou muitas de suas peças.

A ficção pode ser entendida como um agenciamento de zonas que funcionam como artifícios para a criação daquilo que nos denominamos. Aquilo que, por exemplo, nos permite dizer “Eu” como um gesto que encobre algum pressuposto que confirma a nossa existência e é, também, um artifício para a criação dos lugares que constituímos e habitamos. Nesse sentido interessa-nos pensar a ficção como um procedimento para a invenção de espaços que possam ser habitados por diferentes formas, sendo elas humanas e não-humanas.

Em 1939 o escritor uruguaio Juan Carlos Onetti publicou um pequeno livro com o título *El pozo*, seu personagem principal, Eládio Linacero, estabelece uma voz narrativa que, mais tarde, em 1950, será ecoada nas vozes de outros personagens/narradores e que será entendida, no âmbito da crítica literária latino-americana – principalmente nos países de fala hispana – como uma textualidade que inaugura a literatura moderna na região. Eis que, setenta e cinco anos antes, em 1864, Fiodor Dostoiévski publicou *Zapiski iz podpolia* [O homem do subsolo/ O homem do subterrâ-

1 Professor Cristiano Bedin da Costa da Faculdade de Educação da UFRGS.

neo]. Este homem do subsolo que Dostoievski criou gerou toda uma linhagem de homens literários. Homens dos subterrâneos, do poço, por serem, também, homens da idiotia filosófica desconjurada. Homens sem bom senso, por flertarem com uma existência que se quer sem pressupostos. Ou melhor, sem os pressupostos de um consenso que os une na ideia de homens ao mesmo tempo que humanos. São humanos que negam que sabem o que todos sabem. Não se reconhecem “nos pressupostos subjetivos de um pensamento natural nem nos pressupostos objetivos de uma cultura de seu tempo”. (Deleuze, 1988, p. 217). São humanos intempestivos, nem temporais e nem eternos. Estes humanos são, também, nossas professoras e professores — ao instigarem a alguns leitores ocupados com a docência — uma leitura que se faz pesquisadora e que se presta a experimentar com a própria vida escrita. Mas, são, também, ficções. Realidades ficcionais, criações e imagens de pensamento.

No capítulo terceiro de *Diferença e Repetição*, intitulado “A imagem de pensamento”, livro de 1968, Gilles Deleuze nos coloca — como leitores, escritores, estudantes e professores que somos — diante, justamente, da questão que apontei acima, qual seja: para lidar com o tema por ele intitulado “A imagem do pensamento” precisamos tratar o problema do começo e o problema dos pressupostos em Filosofia.

O problema do começo em Filosofia foi sempre considerado, com razão, como algo muito delicado, pois começar significa eliminar todos os pressupostos. Enquanto em ciência, porém, encontramos-nos diante de pressupostos objetivos, que podem ser eliminados por uma axiomática rigorosa, os pressupostos filosóficos são subjetivos tanto quanto objetivos. (Deleuze, 1988, p. 215)

Assim, formular um problema seria, de algum modo, encarar certa idiotia. A de não querer ter bom senso, a de se alinhar à falta de pressupostos, ou melhor, a encarar o problema dos pressupostos como um caminho para formular problemas. É nesse sentido que entram em discussão — principalmente na contenda desta fala — as personagens que mencionei antes e, evidentemente, muitas outras não mencionadas.

Deleuze argumenta, a partir da proposição do *Cogito* cartesiano, [*ego cogito ergo sum*; penso, logo existo!] que o problema do começo em Filosofia está relacionado com o problema dos pressupostos. E que (se na ciência eles podem ser eliminados por serem somente de ordem objetiva, ou seja, aqueles que apresentam conceitos explicitamente supostos) em filosofia essa ordem se dividiria em duas: a objetiva e a subjetiva.

Deste modo, os pressupostos objetivos em Descartes são, para Deleuze, os conceitos de animal e racional. Conceitos que Descartes deseja conjurar uma vez que “sobrecarregam os procedimentos que operam por gênero e diferença”. (Deleuze, 1988, p. 215). Con-

tudo, Descartes não escapa dos pressupostos subjetivos ou implícitos, aqueles que não estariam envolvidos num conceito, mas em um sentimento relacionado a certa empiria: a de que “cada um saiba, sem conceito, o que significa eu, pensar, ser” (Deleuze, 1988, p. 215). É como se pudéssemos utilizar o estilo faulkneriano de *As palmeiras selvagens* [*The wild palms*] [livro de 1939] e afirmar uma voz narrativa onde se sobressai o nós — como apontado por um personagem de Piglia em *Respiración artificial* [1980] —, e repetíssemos a fórmula onettiana de *Para una tumba sin nombre* [1959] utilizando a frase/fórmula: todos nós sabemos, todo mundo sabe, todo mundo sente que temos corpo e *corpus*, este último representado pela materialidade do pensar. Sentimento este que funciona como um pressuposto subjetivo legado de certa empiria. Tema, aliás, da citada novela onettiana e fórmula apontada por Deleuze para explicitar que não há verdadeiro começo em Filosofia e que o verdadeiro começo filosófico a Diferença é, em si Repetição.

Repetição que procuro fazer ressoar aqui ao mencionar o tema em textos literários, seus personagens e escritores: Dostoiévski com o homem do subsolo; Juan Carlos Onetti com Eladio Linaceiro, Federico Malabia e Brausen; Ricardo Piglia com Emílio Renzi. Todos eles, tanto os do mundo empírico-real como os do mundo empírico-ficcional, repetem, fazem de seus começos Diferença. É que neles, com a linguagem literária, não há pressuposto subjetivo ou implícito que escamoteie um começo ao esconder, via uma premissa universal, que sempre há um pressuposto mesmo que este se apresente implícito. Pois um pressuposto subjetivo, como aponta Deleuze, tem a forma da premissa universal disposta na frase: todo mundo sabe.

Todo mundo sabe, antes do conceito e de um modo pré-filosófico... todo mundo sabe o que significa pensar e ser... de modo que, quando o filósofo diz “Eu penso, logo sou”, ele pode supor que esteja implicitamente compreendido o universal de suas premissas, o que ser e pensar querem dizer... e ninguém pode negar que duvidar seja pensar e, pensar, ser... *Todo mundo sabe, ninguém pode negar*, é a forma da representação e o discurso do representante. Quando a Filosofia assegura seus pressupostos implícitos ou subjetivos, ela pode, portanto, bancar a inocente, pois nada guardou, salvo, é verdade, o essencial, isto é, a forma deste discurso. (Deleuze, 1988, p.217)

Quando estes, os do mundo literário, utilizam a fórmula, “todo mundo sabe”, colocam a posição do pensamento como um exercício de criação, e não como um exercício natural de uma faculdade. Por meio dessa experimentação de leitura e escrita, a que podemos chamar literatura, estar-se-ia burlando o princípio da *Cogitatio natura universalis*, ou melhor, estar-se-ia produzindo, de um modo apartado a uma imagem dogmática ou ortodoxa do pen-

samento, uma imagem moral ou um pressuposto implícito como uma Imagem de pensamento, pré-filosófica e natural, tirada do elemento puro do senso comum. Segundo essa imagem, o pensamento está em afinidade com o verdadeiro, possui formalmente o verdadeiro e quer materialmente o verdadeiro. E é sobre essa imagem que cada um sabe, que se presume que cada um saiba o que significa pensar. (Deleuze, 1988, p. 219)

Aqui afirmo que certo fazer de escrita, como o fazer literário, pode ser entendido como produção de pensamento, justamente, por não buscar para si – para a possibilidade de sua produção – uma afinidade com o verdadeiro. “Não se trata de negar uma verdade, mas de estabelecer outra relação com ela” (Heuser, 2010, p.56), de operar com as forças, sentidos e valores que se escondem nessas verdades.

Nesta direção, um pensamento do tipo literário, mesmo não sendo Filosofia ou justamente por isso, opera uma espécie de crítica radical a uma Imagem moral de pensamento, pois, como uma Filosofia isenta de pressupostos, encontra sua diferença, paradoxalmente, na repetição autêntica que seria um pensamento sem Imagem, um pensamento sem forma preestabelecida ou modelo. Pensamento que, principalmente, não toma o bom senso ou o senso comum natural como a determinação do pensamento puro, mas como intervenções de ressonâncias que impedem o pensar no pensamento. (Deleuze, 1988, p. 221)

O modelo da reconhecimento supõe um pensamento naturalmente reto e faz com que a imagem de pensamento que se vale da reconhecimento seja uma figura “sob a qual universaliza-se a *doxa* [crença, opinião] elevando-a ao nível racional” (Deleuze, 1988, p. 223). É nesse sentido que a reconhecimento, como modelo transcendental, constrói um ideal de ortodoxia, pois sua forma sempre consagrou o reconhecido e o reconhecível. O que há, na reconhecimento, são conformidades. Mas, não nos enganemos, os atos de reconhecimento são nossos companheiros cotidianos e os festejamos, mesmo que de modo silencioso.

–Esta é uma sala de aula, essa uma carteira; essa foi uma boa aula, essa sim é uma boa professora; – Hoje fiquei mais seguro com a aula, entendi o que o professor queria; isto é um ensaio, isto não é um artigo, vamos colocá-lo em conformidade para uma Revista Qualis A1.

Há toda uma complacência nas imagens de pensamento. “Mas quem pode acreditar que o destino do pensamento se joga aí e que pensemos quando reconhecemos?” (Deleuze, 1988, p. 224). Se há no mundo alguma coisa que nos força a pensar este algo é um encontro fundamental e não uma reconhecimento (Deleuze, 1988, p. 231).

O que a literatura que mencionei faz, como experimentação e criação, é, no meu entendimento, forçar o pensar na provocação de encontros que procuram seus modelos em aventuras estranhas e, muitas vezes, comprometedoras. Mesmo quando essas aventuras são postas em encontros autoreferenciais, como quando se presta a evocar uma repetição de si como diferença ou uma diferença em si na repetição, na intensidade já recoberta pela qualidade que criou no encontro.

O que esses textos fazem como novo, ao fazerem que o novo permaneça sempre novo, é lançar o pensamento a uma terra incógnita, a uma produção diferida, não reconhecida ou reconhecível e fazer com que com ele se produza, mais e mais e outra vez. Com as mesmas palavras, outras zonas.

O pensamento só pensa coagido e forçado, através de uma intensidade, nos diz Deleuze. O que existe para ser pensado é o impensável ou o não-pensado, perpetuando o fato de que nós não pensamos ainda e ainda não pensamos, pois, o pensável é o que dá a pensar. E o pensável de modo algum é proposto por nós. O pensável são “os demônios, potências do salto, do intervalo, do intensivo ou do instante, e que só preenchem a diferença com o diferente” (Deleuze, 1988, p. 239)

Se a imagem de pensamento é o que necessitamos para pensar, esta precisa ser uma nova imagem, uma imagem que não forme uma imagem dogmática do pensamento. Uma imagem que não postule a reconhecimento ou representação, mas que crie. E se pensar é criar, isto quer dizer que criar é, antes de tudo, engendrar um pensar no pensamento. Deleuze, referindo-se a Artaud, afirma que “o problema não é dirigir, nem aplicar metodicamente um pensamento preexistente por natureza e de direito, mas fazer com que nasça aquilo que ainda não existe (não há outra obra, todo o resto é arbitrário e enfeito)”. (Deleuze, 1988, p. 243) O que é de direito ao pensamento é o que nele mesmo é acidental. Por esse motivo a criação estaria associada ao pensamento e poderíamos passar toda uma vida sem criar e pensar.

“O pensamento que nasce no pensamento, o ato de pensar engendrado em sua genitalidade, nem dado no inatismo nem suposto na reminiscência, é o pensamento sem imagem. Mas o que é um tal pensamento e qual é o seu processo no mundo?” (Deleuze, 1988, 273).

Para finalizar recorro, novamente a um âmbito literário e com Italo Calvino afirmo:

As coisas que a literatura pode buscar e ensinar são poucas, mas insubstituíveis: a maneira de olhar o próximo e a si próprios, de relacionar fatos pessoais e fatos gerais, de atribuir valor a pequenas coisas ou a grandes, de encontrar as proporções da vida e o lugar do amor nela, e sua força e seu ritmo, e o lugar da morte,

o modo de pensar ou de não pensar nela; a literatura pode ensinar a dureza, a piedade, a tristeza, a ironia, o humor e muitas outras coisas assim necessárias e difíceis. O resto, que se vá apreender em algum outro lugar, da ciência, da história, da vida, como nós todos temos de ir apreender continuamente. (Calvino, 2009)

Afirmo, então, que a literatura pode ser esse lugar, esse estranho lugar em que podemos revolver as linguagens, que as podemos processar até que se provoque uma aventura do involuntário. Ou, talvez, isso esteja na ordem do desejo e, como nos diz *la Coca*, bailarina de um cabaré em *Respiración artificial*: Aquele que não está à altura de seu desejo é uma pessoa a que o mundo pode chamar de covarde. (Piglia, 1987, p.21) Eis porque, a literatura nos importa: para com ela procurar, a cada vez, fraturar a nossa covardia cotidiana e, quem sabe, pôr-nos a pensar.

Por esta via, estabelecer zonas de realidade e ficção é acreditar e dar ouvidos aos ensinamentos de Philip Marlowe, o detetive que Raymond Chandler fez falar e nos fez ler em *The long goodbye* [O longo adeus, 1954]. Marlowe diz: “Por mais inteligente que você se julgue, precisa sempre de um ponto de partida; um nome, um endereço, uma vizinhança, um passado, uma atmosfera, um ponto de referência qualquer.” (Chandler, p.99, 1987)

Chandler e Marlowe pareciam saber que sim, pode ser que lidar com pressupostos não seja pensar — ao modo que Deleuze nos apresenta o pensamento —, pode ser uma repetição do mesmo e uma conformidade, mas, precisamos delas, precisamos começar, sempre, por alguma ficção pressuposta; por mais inteligentes que sejamos precisamos estabelecer zonas para criar ou habitar ficções de espaços e tempos possíveis. Com isso, afirmamos que com a ficção se cria e, o que se cria, é Real.

Referências

- CALVINO, Italo. **Assunto encerrado**. Discursos sobre literatura e sociedade. Tradução Roberta Barni. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- CHANDLER, Raymond. **O longo adeus**. Tradução Flávio Moreira da Costa. São Paulo: Círculo do livro, 1987.
- DELEUZE, Gilles. Capítulo III – A imagem do pensamento. In: DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. Tradução Luiz Orlandi, Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988. p.215-273.
- HEUSER, Ester. **Pensar em Deleuze: Violência e empirismo no Ensino de Filosofia**. IJUI: Ed. Unijuí, 2010.
- PIGLIA, Ricardo. **Respiração artificial**. Tradução Heloisa Jahn. São Paulo: Iluminuras, 1987.